

**ANÁLISE VARIACIONISTA DO FONEMA /R/
NA COMUNIDADE DE BURARAMA,
INTERIOR DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES**

Priscilla Gevigi de Andrade Majoni (IFES)

pri_gevigi@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa investiga a influência do sistema fonético-fonológico do dialeto falado por imigrantes italianos provenientes do Vêneto – especificamente, a variação da pronúncia do fonema /R/ – no português falado atualmente na comunidade de Burarama, zona rural do município de Cachoeiro de Itapemirim-ES. Para alcançar esse objetivo, são analisados, com base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, dados de fala dos informantes com mais de 50 anos, dos dois gêneros/sexos e com menos de quatro anos de escolarização. A variação é marcada pelo uso das variantes [r] – fone com influência do dialeto Vêneto – ou [h] – fone com influência do dialeto capixaba. A fim de se compreender e sistematizar esse processo de variação linguística, analisa-se, além das variáveis externas citadas, a variável linguística ambiente fonético das variantes (início de vocábulo, final de vocábulo, entre vogais e coda silábica no interior de palavras). Os dados evidenciam que o isolamento da comunidade, a falta de escolarização dos informantes e a maior proximidade com os imigrantes favorecem muito a retenção de traços do vêneto no português falado pelos informantes, o que não acontece com as gerações mais novas.

Palavras-chave:

Fonema /R/. Teoria da Variação. Vêneto e o português. Burarama.

ABSTRACT

The present research investigates the influence of the phonetic-phonological system of the dialect spoken by Italian immigrants from Veneto – specifically, the variation of the phoneme /R/ pronunciation – in the Portuguese currently spoken in the community of Burarama, rural area of the municipality of Cachoeiro de Itapemirim-ES. To achieve this goal, promotion, based on the assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change, is speech data from informants over 50, of both genders/sexes and with less than four years of schooling. The variation is marked by the use of the variants [r] – phone with the influence of the Veneto dialect – or [h] – phone with the influence of the Espírito Santo dialect. In order to understand and systematize this process of linguistic variation, in addition to the external variables mentioned, a linguistic variable phonetic environment of the variants is analyzed (beginning of word, end of word, between vowels and syllable coda within words). The data show that the isolation of the community, the lack of education of the informants and the greater proximity to immigrants greatly favor the retention of traces of the Veneto in the Portuguese spoken by the informants, which does not happen with the younger generations.

Keywords:

Phoneme /R/. Variation Theory. Veneto and the Portuguese. Burarama.

1. Introdução

O Espírito Santo recebeu milhares de imigrantes, em sua maioria, italianos região do Vêneto, a partir da segunda metade do século XIX. Esses trabalhadores, apesar das imensas dificuldades que enfrentaram, conseguiram se estabelecer em suas terras e, hoje, conquistaram o seu espaço social e econômico. Nas zonas rurais, o dialeto vêneto ainda pode ser ouvido pelos descendentes idosos em reuniões com parentes e amigos, em certas cerimônias religiosas e em eventos para comemorar e preservar a memória da imigração. No entanto, nota-se que os mais velhos não transmitem, como antigamente, o dialeto para os mais jovens, e estes, por sua vez, não têm interesse em aprendê-lo, por se identificarem com a língua e cultura brasileiras.

Há algumas décadas, os estudos sobre o contato entre o português brasileiro com as línguas de imigrantes europeus – especificamente os italianos – despertaram o interesse de diversos pesquisadores brasileiros nas seguintes linhas de investigação: descrição dos dialetos italianos (BONATTI, 1974) e descrição do português em contato com o italiano, (BISOL, 1982; MARGOTTI, 2004). Contudo, no Espírito Santo, ainda são poucos os estudos nessa área, dentre os quais podemos citar: Alfredo Chaves – São Bento de Urânia e Carolina (GRILLO; NICOLINI; GRILLO, 2006); Vargem Alta (PIZETTA; DALTIO, 2006); Itarana (LORIATO, 2011), Castelo (CAVALCANTI, 2011; REIS, 2011), Jaguaré (ARIVABENE, 2012) e Santa Teresa (MARINHO, 2012).

Diante dessa escassez de dados, realiza-se esta pesquisa sociolinguística de cunho variacionista sobre o contato entre o português e o vêneto na região de Burarama, zona rural de Cachoeiro de Itapemirim, sul do estado, a fim de contribuir com os estudos linguísticos no Espírito Santo. De modo específico, analisa-se a pronúncia do fonema /R/ nas falas dos descendentes de italianos mais velhos com base nos pressupostos da Teoria Sociolinguística, em sua vertente Variacionista de William Labov (2008 [1972]).

Segundo Silva (2002),

[...] temos em português o “r fraco” e o “R forte”. Contraste fonêmico (ou seja, pares mínimos) entre estes dois tipos de “R” somente é atestado em posição intervocálica: “caro/carro; careta/carreta; sarar/sarrar”. O “r fraco” (que ocorre em palavras como “caro, careta, sarar”) manifesta-se foneticamente como um tepe ou vibrantes simples em qualquer dialeto do português. Já a realização fonética do “R” forte varia consideravelmente de dialeto para dialeto. (SILVA, 2002, p. 159)

Nos dialetos do norte da Itália, os falantes somente conhecem e produzem a vibrante simples ou tepe, não existindo a vibrante múltipla (fricativa glotal, velar e alveolar). Por isso, em regiões como Burarama-ES, onde há o contato do português com o dialetovêneto, ocorre a pronúncia do /R/ como tepeem ambientes fonéticos nos quais seria esperado o /r/ como fricativa glotal – pronúncia comum do Espírito Santo, principalmente entre os mais velhos.

Justifica-se, assim, o interesse pelo estudo do fonema /R/ entre os descendentes de imigrantes italianos em Burarama, pelo fato de a pronúncia desse fonema ser o último traço que caracteriza o contato entre os dois sistemas linguísticos.

Como objetivos específicos, busca-se verificar qual a relevância das variáveis sociais gênero/sexo e escolaridade sobre a alternância das variantes [r] – fone com influência do dialeto vênето – ou [h] – fone com influência do dialeto capixaba, nas falas dos descendentes de italianos com mais de 50 anos de Burarama. Além disso, auxiliar a compreensão das conseqüências linguísticas e sociais do contato entre duas línguas diferentes, bem como contribuir para os estudos de sociolinguística no ES.

2. A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística, conforme Alkmin (2007), estuda a língua em seu uso real, preocupando-se em registrar e analisar o vernáculo, que é a fala espontânea, com o mínimo de monitoramento, relacionando a estrutura linguística e os aspectos sociais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, homogênea, independente do contexto situacional e cultural, como as teorias linguísticas anteriores – o Estruturalismo, de Ferdinand de Saussure, e o Gerativismo, de Noam Chomsky – propuseram.

A Teoria da Variação tem como objeto de estudo a variação, “entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2007, p. 10). Labov (2008 [1972], p. 20) diz ainda que “nem todas as mudanças [linguísticas] são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação”.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), o principal objetivo da Sociolinguística Variacionista é descrever e analisar os fatores que impulsionam a variação linguística e que, em muitos casos, levam a mudanças, verificáveis sistematicamente, tanto em períodos diacrônicos quanto sincrônicos. Essa conjunção entre diacronia e sincronia “permite que o enfoque não seja o de mudanças abruptas ou etapas estáticas. Pode-se dizer que, “a partir de tais e tais características estruturais e de tais e tais condições de funcionamento, o sistema, quase que preditivamente, caminhou na direção X e não na direção Y” (TARALLO, 1994, p. 26). Labov (2008 [1972], p. 20) diz ainda que “nem todas as mudanças [linguísticas] são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação”.

Quando se estuda a variação, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, é importante definir o mais precisamente possível o objeto de investigação. A característica geral ou abstrata que o sociolinguista está estudando é chamada de *variável*, e as diferentes realizações dessa variável são conhecidas como *variantes*.

As variantes são, portanto, os diferentes modos de dizer a mesma coisa, ou seja, elas expressam o mesmo sentido de verdade (LABOV, 2008 [1972]). Para se estudar a variação ou a mudança linguística, é preciso isolar contextos linguísticos, nos níveis fonético-fonológico, lexical, morfossintático e semântico; e extralinguísticos, como o sexo/gênero, faixa etária, classe social, escolaridade, etnia dos informantes e a localização geográfica da comunidade em que ela ocorre, a fim de sistematizar e entender as restrições e as motivações que a condicionam. Labov (2008 [1972]) explica:

Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21)

Diante disso, nesta pesquisa, a variável linguística estudada é o fonema /R/; o fator linguístico corresponde ao ambiente fonético da variável e os fatores extralinguísticos são: sexo/gênero e nível de escolaridade.

3. Procedimentos metodológicos

Tarallo (1986, p. 57), sobre a concepção de língua para a Sociolinguística, registra: “a língua é, portanto, um sistema variável de regras (...) e a esse sistema (...) deve corresponder tentativas de regularização”. De acordo com esse autor, a sistematização/regularização variação linguística pode ser, de maneira resumida, organizada a partir das seguintes etapas metodológicas:

1. Levantamento de dados;
2. Descrição detalhada da variável dependente;
3. Análise dos fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos);
4. Encaixamento da variável no sistema linguístico; e
5. Projeção histórica da variável.

Partindo desses princípios – exceto os itens 4 e 5, que não faz parte do interesse deste estudo –, na primeira etapa, transcrevem-se as 6 entrevistas¹³⁴ sociolinguísticas com descendentes italianos nascidos no distrito de Burarama/Cachoeiro de Itapemirim ou que chegaram ali antes dos 07 anos. Todos eles possuem idade acima de 50 anos, de acordo com o gênero (masculino e feminino) e a escolaridade (com até 04 anos; de 05 a 08 anos; mais de 08 anos). A discriminação desses informantes pode ser vista no quadro em sequência.

Quadro 1: Informantes da Zona Rural de Burarama.

Faixa Etária	Gênero	Escolaridade	Informante
+ 50	F	0 a 4 anos	M.
+ 50	F	0 a 4 anos	T. L.
+ 50	F	+ de 8 anos	M. G.
+ 50	M	5 a 8 anos	R.D.F.
+ 50	M	5 a 8 anos	A. L.
+ 50	M	+ de 8 anos	J.A.G

Em relação ao objeto de investigação, o fonema /r/, sua variação na comunidade investigada, é marcada pelo uso das variantes [r] – fone com influência do dialeto vêneto – ou [h] – fone com influência do dialeto capixaba. Os casos de apagamento da variável, em final de palavras, foram desconsiderados. Em um estudo futuro, esses casos serão analisados.

¹³⁴ Entrevistas realizadas pela Professora Terezinha Fassarella, nascida e residente em Burarama.

Os fatores condicionadores da variação sob estudo são: *linguístico* – ambiente fonético em que se encontra o fonema /R/: início de vocábulo (ex.: roça, roda), final de vocábulo (ex.: melhor, falar); entre vogais (ex.: terreno, macarrão) e coda silábica no interior de palavras (ex.: corda, parte); e *extralinguísticos* – gênero (masculino e feminino) e escolaridade (com até 04 anos; e mais de 08 anos de escolarização). A variável “faixa etária” também foi selecionada, contudo, a presença dos traços da língua estrangeira é marcante apenas entre os informantes com mais de 50 anos.

Após a descrição do fenômeno estudado e seus fatores condicionadores, quantificam-se e analisam-se todos os dados por meio do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a versão mais recente do pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Este é “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolingüística” (GUY; ZILLES 2007, p. 105).

O programa Varbrul

[...] mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. [...] O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, o tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes. (GUY; ZILLES 2007, p. 105)

A partir da análise quantitativa dos dados e da interpretação do pesquisador, tem-se a devida caracterização do fenômeno estudado no sistema linguístico.

4. Análise dos dados

Os resultados foram obtidos mediante a análise quantitativa e qualitativa de 765 dados com o fonema /R/, pronunciado ora como [r] – com influência do dialeto vêneto –, ora como [h] – sem influência do dialeto vêneto.

Como o primeiro objetivo foi observar qual fone é mais utilizado nos falantes com mais de 50 anos, mostram-se, inicialmente, os resultados gerais dessas variantes. Feito isso, são apontados e discutidos os resultados da variável linguística – ambiente fonético das variantes – e das variáveis sociais – gênero/sexo e escolaridade.

Tabela 1: Frequência geral das variantes [h] e [r].

VARIANTES	FREQUÊNCIA
[r]	345/959 = 36,3%
[h]	614/959 = 63,7%

Como primeiros resultados, a variante [h] – fone sem influência da língua estrangeira – foi a mais utilizada pelos informantes, com uma frequência de 63,7%. Por conseguinte, a variante [r] – fone com influência do dialeto do Vêneto – foi pronunciada em 36,3% dos casos.

A escola, a igreja, o preconceito linguístico, o contato com outras comunidades e os meios de comunicação, como a novela, são fatores sociais que interferiram diretamente na fala dos descendentes de italianos em Burarama, ocasionando essa expressiva influência da fala capixaba, em detrimento do antigo dialeto do vêneto. Duas entrevistas confirmam isso: a primeira descreve a tarde das famílias em Burarama, e a segunda, o preconceito existente diante da pronúncia do dialeto vêneto:

“Como é que fala hoje, né? Novela começa seis horas, aí tem o Vale a Pena Ve(r) que já começa mais cedo, aí se vai o dia todo, cê esquece das pessoas, de você faze(r) a visita a um doente né, de você i(r) na casa de alguém pra ir conversa(r) e essas coisas, se ocê vai também pra conversa(r) chega lá ele tá vendo novela e não te dá atenção. E é a vida hoje, né?” (Informante AL, masculino)

“Mais que dize(r), nós quando aprendemo(s), quando aprendemo(s) o português nós tentamo(s) corrigi(r) da nossa família, os que tinham ainda aquele sotaque italiano, que(r) dize(r)... [...] porque falava errado né, em vez de fala(r) “errado” falava “erado”, “caro”, “a caraça” [...] a gente não fez questão de aprende(r), porque a gente tinha vergonha”. (Informante MF, feminino).

Tabela 2: Atuação da variável linguística *ambiente fonético* para a pronúncia [r].

Ambiente fonético [r]	N/TOTAL	%	PR
Final de vocábulo	13/25	52	0.746
Coda silábica interior de vocábulo	240/573	41,9	0.596
Entre vogais	57/174	32,8	0.407
Início de vocábulo	35/187	18,7	0.271

Na segunda tabela, têm-se os pesos relativos da variável linguística *ambiente fonético*. Pesos Relativos acima de 0,50 são interpretados como favorecedores do uso de uma variante, e pesos abaixo de 0,50, como desfavorecedores. Há, também, o input, que, segundo Guy e Zilles

(2007), representa o nível geral da influência das variáveis independentes às variantes. Nos resultados deste trabalho, o input foi de 0,000, o que significa que esse grupo de fatores é extremamente significativo para a análise.

De acordo com os resultados, a variante [r] é mais utilizada no final de palavras, com um peso relativo de 0.746 e uma frequência de 52%, seguida pelo ambiente de coda silábica no interior de vocábulo, com um peso relativo de 0.596 e uma frequência de 41,9%. Já os outros dois ambientes não favorecem a pronúncia com traço vêneto.

Quanto à variável social *gênero/sexo*, os resultados são:

Tabela 3: Atuação da variável social *gênero/sexo* para o uso de [r].

GÊNERO/SEXO	PESO
Masculino	0.700
Feminino	0.346

Com um peso relativo de 0.7, os falantes homens são mais conservadores do que as mulheres. Estas, por sua vez, privilegiam a forma inovadora – [h] (influência do dialeto capixaba), pois, segundo os resultados, apresentam um peso relativo de 0.346, ou seja, o uso da variante [r] (influência do dialeto vêneto) é desfavorecido por elas.

A ideia de que, em processos de variação linguística, as mulheres tendem a preferir as formas de maior prestígio, evitando as formas estigmatizadas, pode ser encontrada em diversos livros de Sociolinguística, como, por exemplo, em “Padrões Sociolinguísticos”, em que William Labov (2008 [1972]) registra: “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (p. 282).

Chambers (1995) também afirma que em praticamente todos os estudos sociolinguísticos, os quais incluem uma amostra de homens e mulheres, estas usam menos variantes estigmatizadas e não padrão do que os homens do mesmo grupo social, nas mesmas circunstâncias. Essa assertiva encontrou respaldo nos estudos de vários sociolinguistas, dentre os quais: Fisher (1958), Wolfram (1969), Romaine (1978) e Trudgil (1983).

Pode-se, ainda, pensarem outros dois fatores para a interpretação desses resultados:

(I) as mulheres, a maioria dona de casa, passam mais tempo diante da televisão do que os homens, como Paiva (2004, p. 39) afirma: “Os homens tendem a manifestar maior reserva com relação à mídia do que as mulheres”. Dessa forma, estão em maior contato com o português brasileiro veiculado pela mídia, deixando de lado as marcas linguísticas do vêneto; e (II) a questão do status – “as mulheres tentam, ao utilizar as formas de prestígio, alcançar status social: elas possuem mais consciência/sensibilidade em relação ao status social do que os homens em virtude da posição social insegura que elas ocupam” (SEVERO, 2010, p. 2).

Esses estudos, embora apresentem diferentes objetos de pesquisa, mostram-se similares em relação à conclusão dos fatos acerca da variável gênero/sexo, assim como a presente pesquisa, concordando e corroborando para as interpretações de William Labov. Pode-se concluir, portanto, que a pronúncia com traços vênets é altamente marcada nessa comunidade, especialmente nos ambientes fonéticos em que essa pronúncia é desfavorecida.

A seguir, os resultados obtidos com respeito à escolaridade.

Tabela 4: Atuação da variável social escolaridade para o uso de [r].

ESCOLARIDADE	PESO
0-4 anos	0.887
5-8 anos	0.682
+ de 8 anos	0.182

Por fim, em relação à escolaridade, os dados da tabela 4 evidenciam que a pronúncia de /R/ como [r] ou tepe é favorecida pelos informantes com um nível mais baixo de escolaridade (0-4 anos e 5-8 anos), com um peso relativo, respectivamente, de 0.887 e 0.682. No entanto, aqueles com Nível Médio ou mais, isto é, são mais escolarizados, apresentam um peso de 0.182.

De acordo com Spessatto; Görski¹³⁵ (2003), a década de 1930 foi extremamente importante para a formação da identidade dos imigrantes italianos, uma vez que, nesse período,

[...] o governo investiu na implantação de escolas "brasileiras", para fazer com que a comunidade de descendentes europeus passasse a utilizar o português, o que, acreditamos, tenha contribuído para que a escola-

¹³⁵ Extraído dos Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/148.pdf>. Acesso em: 9 de agosto, 2013.

rização se tornasse, desde aquele período, um fator de afastamento do informante do seu dialeto familiar”. (SPESSATTO; GÖRSKI, 2003, p. 8)

A escola foi, portanto, um grande fator social que propiciou, aos descendentes de italianos, um maior contato com a língua portuguesa, rechaçando a pronúncia estrangeira. Daí não ser surpresa que os falantes mais escolarizados desfavoreçam o uso do tepe.

5. *Considerações finais*

A partir do estudo realizado, considerando-se o referencial teórico empregado, constata-se que o uso do fonema /R/ com influência do dialeto vêneto é favorecido nos ambientes fonético-fonológicos de final de palavras, seguido de coda silábica no interior de vocábulo, entre vogais e no início de palavra.

Os homens conservam mais esse traço estrangeiro, ao pronunciar o fonema /R/ como [r]. Em contrapartida, as mulheres, mais inovadoras do que eles, preferem a forma prestigiada, considerada “padrão” – a pronúncia do fonema /R/ com influência da fala capixaba.

Além disso, os informantes menos escolarizados utilizam a variante de sua língua ancestral em detrimento daqueles mais escolarizados, que preferem a variante com influência do dialeto capixaba.

Portanto, segundo Baron (1975, p. 176 *apud* SPESSATTO; GÖRSKI, 2003, p. 109), “os membros de uma comunidade linguística são multidialetais, isto é, trocam de registro, de estilo, variedade ou dialeto, ajustando a linguagem às situações linguísticas que surgem no domínio das experiências sociais”. Isso foi o que aconteceu com os descendentes de italianos de Burarama, que precisaram adequar sua linguagem em relação ao novo ambiente social para, muitas vezes, evitar o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, T.M. Sociolinguística, Parte I. In: MUSSALIN, F. BENTES, A.C. *Introdução à Linguística*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ARRIVABENE, R. L. B. *Línguas em contato: o português e o italiano na zona urbana de Jaguaré, ES*. Vitória: Ufes. Relatório Final de Iniciação Científica, 2012.

BARON, D. E. Non-standard English, composition and the academic establishment. *College English*, v. 37, n. 2, 1975, p. 176-84. *Apud* FESTUGATO, *Interferências da língua Talian no aprendizado do espanhol: um estudo de caso*. Pelotas: UCPel, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) do Programa em Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

BISOL, L. Harmonização vocálica, uma regra variável. In: *Encontro sobre Bilinguismo no Sul do Brasil*, 1982, Porto Alegre, UFRGS.

BONATTI, M. *Aculturação Linguística numa colônia de imigrantes de Santa Catarina*. Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena. Blumenau: Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, 1974.

CAVALCANTI, M. B. *Análise sociolinguística da concordância verbal na zona urbana de Castelo, ES*. Vitória: Ufes. Relatório Final de Iniciação Científica, 2011.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. 2nd Edition. Oxford, UK: Blackwell, 2003.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6. ed. rev. São Paulo: Contexto, 2002.

DECRETO-LEI *sobre o Município de Burarama-ES*: Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/cachoeirodeitapemirim.pdf>. Acesso em: 9 de ago. 2013.

FISHER, J. *Social influences on the choice of a linguistic variant*, 1958.

GRILLO, A; NICOLINI, E; GRILO, L. *O português e o italiano no sul do Espírito Santo: um estudo variacionista*. Cachoeiro de Itapemirim, ES: Centro Universitário São Camilo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2006.

GAVA, J. A. *O Patrimônio de Burarama*. Disponível em: <http://www.oocities.org/gbrunoro/indebura.htm>. Acesso em: 9 de ago. 2013.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 73-158

HERZOG, M.; LABOV, W.; WEINREICH, U. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LORIATO, S. *Análise sociolingüística do uso do fonema /r/ na zona rural de Itarana, ES. Serra, ES*: Faculdade Brasileira. Trabalho de Conclusão de Curso, 2011.

MARGOTTI, F. W. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Rio Grande do Sul, UFRS, 2004. Tese (Doutorado em Letras) do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARINHO, J. L. *Aspectos sociolingüísticos da imigração italiana na cidade de Santa Teresa, ES*. Vitória: Ufes. Relatório Final de Iniciação Científica, 2012.

MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004

PIZETTA, R. P.; DALTIO, A. *Variação linguística no município de Vargem Alta*. Cachoeiro de Itapemirim-ES: Centro Universitário São Camilo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2006.

REIS, N. Z. dos. *Análise sociolingüística da concordância verbal realizada por descendentes de italianos da zona rural de Castelo-ES*. Vitória: Ufes. Relatório Final de Iniciação Científica, 2011.

ROMAINE, S. Postvocalic /r/ in Scottish English: Sound change in progress. In: TRUDGILL, P. (ed.). *Sociolinguistic Patterns in British English*. Baltimore, MD: University Park Press, 1978.

SPESSATTO, M. B.; GÖRSKI, E. *A influência da escolaridade sobre a realização do fonema vibrante em Chapecó/SC*. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/148.pdf>. Acesso em: 9 de ago. 2013.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X- A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Acessível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.

SEVERO, C. G. *O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança*, 2010. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/8cristine.htm>. Acesso em: 16 de ago. 2013.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TRUDGILL, P. *On dialect: social and geographical perspectives*, Oxford, Blackwell, 1983.

WEINREICH, U. *Language in contact; findings and problems*. Paris: The Hague Mouton, 1953.

WOLFRAM, W. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1969.